



Estudando por meio dos subcomuns

STEFANO HARNEY E FRED MOTEN
ENTREVISTADOS POR STEVPHEN SHUKAITIS

Texto publicado originalmente como “Studying Through the Undercommons” em *Class War University* em 12 de novembro de 2012.

Ao longo dos últimos 15 anos, Stefano Harney e Fred Moten têm trabalhado juntos em vários projetos, incluindo diversos ensaios sobre as condições do trabalho acadêmico. A partir de esboços da tradição negra radical e de teorias autonomistas e pós-coloniais, juntos, eles vêm operacionalizando maneiras de abordar a política que estão mais preocupadas com aspectos menos visíveis, no âmbito social, da organização e da interação. Atualmente, estão trabalhando em um livro chamado *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*, que será lançado pela Minor Compositions / Autonomedia, na primavera de 2013. Como parte desse projeto, Stephen Shukaitis conduziu diversas entrevistas com os autores para nos trazer uma visão panorâmica de seu trabalho e abordagem. A presente entrevista é um trecho de uma conversa com a *Class War University*.

Stephen: Ao me preparar para a entrevista, recorri a uma abordagem bem web 2.0 que foi consultar pessoas no Facebook sobre as perguntas que deveria fazer. Algumas delas foram enviadas a vocês. Uma das perguntas, que me pareceu um tanto interessante, foi sobre a possibilidade de fazer parte dos subcomuns e não estar em estudo, ou se esses subcomuns incluem, ou poderiam incluir, as pessoas que trabalham na universidade ou mesmo formas de trabalho afetivo que não são imediatamente pedagógicas.

Fred: Algumas pessoas parecem reticentes em relação ao termo ‘estudo’, mas há mesmo alguma maneira de estar nos subcomuns que não seja intelectual? Há alguma maneira de ser intelectual que não seja social? Quando penso no modo como estávamos usando o termo ‘estudo’, penso que estávamos comprometidos com a ideia de que estudo é o que você faz com outras pessoas. É falar e deambular por aí com elas, trabalhar, dançar, sofrer, alguma convergência irreduzível dessas três ações, todas reunidas pela ideia de *prática especulativa*. A noção de um ensaio – de estar em uma espécie de ateliê, tocar em uma banda, numa sessão de improvisação, uns velhos sentados na varanda, pessoas trabalhando juntas na fábrica –, há vários modos de atividade por aí. Chamá-los de ‘estudo’ serve para marcar o fato de que a incessante e irreversível intelectualidade dessas atividades já está lá desde sempre. Essas atividades não são enobrecidas pelo fato de que nós agora dizemos ‘ah, se você fez essas coisas de certa maneira, pode-se dizer que você estava estudando’. Fazer essas coisas é se envolver com um tipo de prática intelectual comum. O importante é reconhecer que tem sido assim desde sempre – porque o reconhecimento permite acessar toda uma variada história alternativa do pensamento.

O que também gostaria de dizer sobre essa pergunta é que ela me parece preocupada demais com a correção e a legitimidade do termo. Não que eu queira dizer: ‘ah, ele ou ela não entendeu o que nós quisemos dizer usando a palavra ‘estudo’’. É mais algo no sentido de ‘beleza, veja, se esse termo te incomoda, pode usar ‘outro’. Você pode dizer, ‘minha noção de estudo não bate com o que penso querer tirar das palavras de vocês. De certo, essa pessoa deve, assim, ter alguma relação paleonímica bem complicada com para com esse termo. Ela precisa se situar numa relação aposicional com esse termo; tem que levar só uma parte dele, tirar algo dele, fazer seu próprio caminho a partir dele. O que eu diria é que, na medida em que, dessa maneira, você se encontra no que pode ser chamado de uma relação dissidente, já há um envolvimento estreito com o que penso ser o estudo.

Então, se a pergunta é ‘precisa incluir ‘estudo’?’, minha primeira resposta é: tudo bem, você não entende o que estamos querendo dizer com essa palavra. E, então, a minha segunda resposta é: mas está tudo bem não entender o que queremos dizer por ‘estudo’, porque agora você vai fazer outra coisa. Assim, minha primeira resposta foi ser um tanto correto e dizer que por ‘estudo’ nós queremos dizer isso. O que eu acho que você está procurando no que estamos dizendo é precisamente aquilo que queremos dizer usando essa palavra, ‘estudo’. E vou dizer, ‘parece que você tem um problema com o estudo. Como é possível se ter um problema com estudo? Se você entendeu mesmo o que é estudo, você tem que saber que se trata de um tipo de socialidade. Só isso, nada mais.’ Mas então eu diria que isso é ser um pouco cuzão. Isso seria como que desaproveitar esse cara por ele não ter uma compreensão propriamente reverente

e adequada do termo – e o que estou dizendo é que é precisamente a falta de compreensão, a recusa ativa de uma compreensão do termo, que é uma extensão do estudo. Apenas siga esse esforço. Eu sempre pensarei nessa tendência em querer evitar ou deslegitimar o estudo como um ato de estudo. Mas, se ele ou ela não pensa dessa maneira, tudo bem.

Stefano: Ao mesmo tempo, fico feliz por podermos falar mais sobre estudo. Não acho que podemos ser inteiramente passivos sobre isso e dizer ‘ah, façam como bem entenderem’. Tínhamos nossas razões pelas quais sentíamos precisar insistir nesses termos, sendo que uma que é chave – sobre a qual Fred já falou – foi a sensação de que era importante reforçar que estudo é algo que já está em curso, inclusive quando você entra em sala, antes mesmo do que você pensa ser o início da aula. O mesmo ocorre com a *planificação*. Pensem em como nós usamos o termo ‘*políticas públicas*’, como um pensar pelas outras pessoas, em ambos sentidos, porque você pensa que as outras pessoas não são capazes de pensar, mas também porque, por algum motivo, você pensa que você pode pensar, e esse é o outro lado da moeda quando você pensa que há algo de errado com alguém – pensar que, de certo modo, você se consertou e que isso lhe dá o direito de dizer que uma outra pessoa precisa de conserto. As políticas se tornam essa maneira (de fazê-lo). Se a *planificação* é o oposto disso, se serve para dizer, ‘veja, não é que as pessoas não pensem por si mesmas, não ajam por si mesmas, como que juntas, em concerto, de variadas maneiras. É tão somente que isso não está se apresentando a você porque você se corrigiu dessa maneira particular que faz com que, para você, elas te apareçam como estando sempre erradas,

de modo que você tenta implementar políticas contra elas. No entanto, a própria implementação dessas políticas é o maior sintoma de que, ao pensar que você tem mesmo de fazer isso, há algo de que você não está se dando conta – e, realmente, o mesmo parece ocorrer com o estudo’. E, também penso que está tudo bem se as pessoas não usarem esse termo ou encontrarem outros. Mas, igualmente, acho que o sentido de usar ‘estudo’ é falar sobre como a vida intelectual já está aí operando ao nosso redor. Quando penso em estudo, penso em enfermeiras e enfermeiros no fumódromo tanto quanto penso em universidades. Eu realmente quero dizer que, para mim, isso não tem nada a ver com a universidade, a não ser no sentido de que, como diz Laura Harris, a universidade é uma reunião incrível de recursos. É bom ter acesso a livros quando você está pensando.

Fred: E é claro que o fumódromo é uma reunião incrível de recursos.

Stefano: Isso. Então, veja, eu não penso em estudo e em universidade a partir de uma conexão especial – mesmo que, lá no início, estivéssemos apenas escrevendo sobre o que nos era familiar, e é por isso que a ideia de subcomuns surge a partir da relação com a universidade. Dado o fato de que, para mim, o subcomum diz respeito a uma espécie de comportamento, um experimento contínuo com e como antagonismo geral, uma maneira de estar-com, é praticamente impossível que seja pareado com uma vida institucional específica. É algo que, obviamente, atravessa diferentes maneiras de se relacionar em diferentes tempos e lugares.

Fred: O estudo não se limita à universidade. Não está aprisionado ou contido no interior da universidade. O estudo se relaciona com a universidade, mas apenas no sentido de que a universidade não está necessariamente excluída desses subcomuns que ela tanto se esforça para excluir.

Stephen: Essa pergunta em particular que vocês estão respondendo foi feita por Zach Schwartz-Weinstein, sobre a história do trabalho acadêmico não instrucional, o que me leva ao que eu queria perguntar. Entendo que haja um entendimento mais amplo e profundo de estudo com o qual vocês estão trabalhando. Mas o trabalho de vocês se iniciou na década de 1990 a partir de uma análise das condições particulares do trabalho acadêmico. Assim, quero saber como essa concepção mais ampla de estudo se encaixa nas condições mais específicas de trabalho acadêmico a partir das quais vocês falam. E isso porque vocês falam sobre como elas neutralizam a coletividade ou, talvez porque elas encorajam um investimento demasiadamente individualista no trabalho, acabam impedindo a emergência de um tipo de projeto mais amplo. Sendo assim, seria isso algo restrito ao trabalho acadêmico ou é algo mais geral, relativo às formas de trabalho que demandam esse investimento? Sobretudo penso que a pergunta é: como vocês entendem a relação entre as formas específicas de composição de classe no trabalho acadêmico e padrões mais abrangentes? Penso que é fácil confundir o específico com o geral.

Fred: Quando penso agora sobre a questão ou o problema do trabalho acadêmico, penso da seguinte maneira: parte do que me interessa é entender como as condições do trabalho acadêmico se tornaram impeditivas ao estudo – como as condições sob as quais

trabalhamos na universidade impedem ou interrompem o estudo, fazem do estudo difícil ou mesmo impossível. Como pós-graduando, quando me envolvi com a organização do trabalho, com a *Association of Graduate Student Employees* [Associação de trabalhadores da pós-graduação] na Universidade da Califórnia em Berkeley, me frustrava com o modo como, por vezes, o investimento de universitários em pensarem sobre si mesmos enquanto trabalhadores estava está predicado na noção de que trabalhadores não estudam. No entanto, se tratava de algo mais do que de apenas uma romantização do trabalho autêntico e da desaprovação de nossa própria 'inautenticidade' enquanto trabalhadoras. Nossa autoimagem como trabalhadores acadêmicos estavam de fato aderidas às condições do trabalho acadêmico que previnem o estudo. Nós efetivamente concordávamos com a interrupção do estudo como atividade social mesmo quando nos engajamos com a organização como atividade social e nos divertimos com isso. É como se estivéssemos nos organizando para ter o direito de mais plenamente nos incorporar ao isolamento. Nunca parecia que estudávamos no/o modo como nos organizávamos, e nunca nos aproximamos de um monte de outros modos de estudo que estavam ora demasiados na superfície, ou muito abaixo, da universidade. Acho que nunca reconhecemos que o aspecto mais insidioso, viciado, que o aspecto mais brutal das condições de nosso trabalho era a regulação e supressão do estudo.

Stefano: Sim, esse era um dos lados do nosso incômodo. E aí, o outro lado disso era que havia um modo de ver pelo qual parecia que era na universidade onde o estudo deveria acontecer – e era essa a maneira

pela qual que se esperava que a gente trabalhasse na universidade. Então, por um lado, significava que havia estudantes universitárias que pareciam desaproveitar o estudo e, por outro lado, havia muitos acadêmicos que reivindicavam o monopólio do estudo ou ter no coração do estudo – e tudo isso, para mim, significava que, antes de mais nada, o estudo propriamente dito, estava se tornando, como Fred diz, quase impossível na universidade. Era aquilo que você não poderia fazer na universidade porque, não somente pelos tipos de posição das pessoas ocupavam, mas também por conta da administração da universidade. Mas, em segundo lugar, que era impossível perceber o estudo para além da universidade ou reconhecer essa incrível história do estudo que foi para fora da universidade e que continua a acontecer para além dela.

Dito isso, provavelmente havia algo – eu não sei se para Fred, mas eu tinha que trabalhar um pouco –, de que eu era um trabalhador acadêmico e que eu tinha que posicionar a mim mesmo de uma maneira que movesse além dessas restrições. Mas a outra coisa é que há certas maneiras pelas quais o modelo acadêmico de impedir o estudo foi generalizado. Então, não é mais somente na universidade que o estudo é impedido. Porque a única verdadeira transferência de conhecimento da universidade tem seus processos peculiares de trabalho. Eles conseguiram ser muito bem-sucedidos em transferir o processo do trabalho acadêmico para as empresas privadas, ao ponto que todo mudo acha que são acadêmicos, todo mudo pensa que são estudantes – assim, esse tipo de identidade vinte-e-quatro horas. As pessoas propõem o modelo do artista ou do empreendedor, mas não isso é demasiado individual;

o capitalismo ainda tem um processo de trabalho. A universidade é um tipo de linha de montagem, um tipo de processo de trabalho perfeito para a reintrodução, uma versão da mais-valia absoluta de volta ao dia de trabalho tentando modelar o trabalho nesse modelo que associamos com a universidade. E quando olhamos de perto ao que estava realmente acontecendo na universidade, o que estava realmente sendo transferido, era tudo, exatamente, exceto estudo, ainda mais, um regime que se tornou especialista em encerrar o estudo enquanto performa o trabalho intelectual. Então, a outra razão para permanecer com a universidade não é apenas por um conjunto de recursos ou porque o espaço de ensino é relativamente aberto mesmo se desigual e não apenas porque, de algum modo, o estudo ainda acontece em subcomuns, mas porque há esse modelo peculiar de processo de trabalho que está sendo exportado, que está sendo generalizado nas ditas indústrias criativas e outros lugares, é que é habilmente implantado contra o estudo. Isso é algo que Paolo Do vem também identificando na Ásia, onde a expansão da universidade significa a expansão desse modelo pernicioso de trabalho nas sociedades onde se expande.

Stephen: Conectando a um outro ponto que vocês colocaram, quando passamos a falar em ‘estudantes como co-trabalhadoras’, seria isso uma maneira de negar a negação do estudo? Quando vocês escrevem sobre trabalho acadêmico, falam de acadêmicos que não conseguem reconhecer estudantes como colegas de trabalho porque isso traria um problema. Então, o que significa reconhecer esse processo de trabalho conjunto na universidade e de maneira mais ampla?

Stefano: Hoje, eu não colocaria as coisas dessa maneira do modo como as colocamos naquela época. Sentia que estávamos mais envolvidos com uma crítica interna do trabalho acadêmico, e agora não sinto mais toda essa conexão. Não que esteja fugindo disso, mas eu meio que sentia que era necessário fazer isso para que não ficássemos na necessidade de seguir fazendo isso. Ao invés de colocar as coisas dessa maneira, diria que há um certo medo de algo como um amadorismo na universidade – da imaturidade, da pré-maturidade, do não se formar, de alguma maneira, não estar pronta ou pronto – e estudantes representam isso em alguns momentos. E, supostamente, nosso trabalho com as estudantes é de ajudá-las a superar o medo para que recebam seus créditos e se formem. Hoje em dia, esse é o momento que mais me interessa, porque é quando sua pré-maturidade, sua imaturidade, seu ainda-não-estar-lá é também uma espécie de abertura, um deixar-se afetar por outras pessoas, deixa-se possuir e despossuir por elas. Mas, é evidente, na universidade, querem é que você se livre disso para que se torne um indivíduo plenamente autodeterminado e pronto para o trabalho; ou, como diz Paolo Virno, pronto para exibir sua prontidão para o trabalho. Então, para mim, se trata menos das estudantes como co-trabalhadoras, apesar disso ser indiscutivelmente verdade, e muito mais da estudante como diz Denise Ferreira da Silva como ‘corpo afetável’. E, é evidente, que os professores, assim como os filósofos sobre os quais Denise fala, surtam com esse com as estudantes, enquanto, ao mesmo tempo, é por sobre elas que trabalham. É um ponto necessário em seu ciclo produtivo. Eles tentam remover qualquer coisa que pareça com esse tipo de afetação entre corpos, tentam produzir indivíduos autodeterminados. E, neste momento, o que me interessa mais é a entrada, com a

estudantes, nesse nível afetivo, mais do que a entrada com estudantes-como-trabalhadores, ainda que não ache errado falar nesses termos. Só me parece ser menos do que pode acontecer.

Fred: Eu acho, olhando para trás para essas peças de antes, que nós persistimos no esforço e seguíamos movendo, mas que o movimento estava predicado em nossa tentativa de pensar onde estávamos naquele momento. Essas são as condições sob as quais operamos e vivemos e precisamos tentar pensar sobre isso. Algo errado está acontecendo, vamos pensar em como é isso e porque as coisas não são da maneira como gostaríamos que fossem – e nós simplesmente tivemos a temeridade de acreditar que o nosso desejo por um outro modo de existência no mundo estivesse conectado à nossa tentativa de entender a maneira como estávamos vivendo e as condições sob as quais estávamos vivendo naquele momento. Em outras palavras, isso é algo que de certa maneira é algo crucial para mim: eu não estava pensando em tentar ajudar alguém. Eu não estava pensando a universidade como é um lugar exaltado no qual estar aí é uma marca de um certo tipo de privilégio e que a maneira certa de lidar ou de reconhecer esse privilégio era de pegar essa sabedoria ou de pegar esses recursos aos quais eu tinha acesso e tentar distribuí-los de maneira mais equitativa a pessoas pobres que não tinham a relação que nós tínhamos com a universidade. Eu, eu nunca pensei sobre isso dessa maneira. Eu sempre estava, tipo assim: a universidade está fudida. Aqui está tudo fudido. Porque está fudido? Por que é que essa merda aqui não é da maneira como deveria ser? Sim, é óbvio que há coisas aqui, mas há coisas em outros lugares também. O ponto é: aqui está fudido, como podemos pensar nisso de uma maneira que nos ajude a organizar-nos para deixar as coisas melhores

por aqui? Estávamos tentando entender essa problemática de nossa própria alienação de nossa capacidade ao estudo – a exploração de nossa capacidade de estudo que era manifesta por um conjunto de produtos acadêmicos. Isso era o que estávamos tentando entender. E chamava-nos a atenção de que isso era o que trabalhadoras que também são pensadoras vêm sempre tentando entender. Como é possível que não possamos estar juntas e pensar juntas de uma maneira que se sinta como boa, a maneira como deveria sentir-se bem. Para a maioria de nossos colegas e estudantes, não importa o quanto se queira desfocar essa distinção, essa pergunta é a pergunta que é mais difícil de fazer as pessoas considerarem. Todo mundo fica de saco cheio o tempo todo e se sente mal, mas raramente você adentra uma conversa em que as pessoas vão, ‘porque é que isso não nos parece estar bem?’ Eu amo poesia, mas porque ler, pensar e escrever sobre poesia nesse contexto parece não estar certo? Em minha cabeça, essa é a pergunta que começamos a tentar fazer.

Stephen: É particularmente difícil fazer essa pergunta aqui na Inglaterra onde se assume que todo mundo é infeliz e de todo jeito muito educada em relação a isso.

Fred: Mas isso que é a coisa insidiosa, essa naturalização da infelicidade, a crença em que o trabalho intelectual requer alienação e imobilidade e que o sofrimento e a náusea decorrentes são um tipo broche de honra, um tipo de faixa que você pode aplicar a seu vestimenta acadêmica, ou algo desse tipo. Diversão é algo suspeito, digno de desconfiança, uma marca de um privilégio ilegítimo ou algum tipo de recusa marica de olhar de maneira séria na cara fudida de coisas que é algo que, evidentemente, você só pode fazer em isolamento. É tão somente sobre não

ser cortado; estudar o antagonismo geram de dentro do antagonismo geral. Meu filme favorito é *The Shoes of the Fisherman* e eu quero ser como aquela personagem que nomeia como *Father Telemond*. Ele acreditava no mundo. Como Deleuze. Eu acredito no mundo e quero estar nele. Eu quero estar nele todo até o fim porque eu acredito em um outro mundo no mundo e quero estar nisso. E planifico permanecer acreditando, como *Curtis Manfield*. Mas isso está além do meu alcance e até mesmo além de mim e de *Stefano*, e afora no mudo, a outra coisa, o outro mundo; o som alegre dos espalhados, escaton espalhado, a recusa dos subcomuns da miséria da academia.

Stefano: Há uns sete anos atrás, eu mudei dos Estados Unidos para a Inglaterra, de um sistema universitário onde universitários ensinavam em escala industrial, para um sistema mais semifeudal com, ao invés, um monte de adjuntos precarizados. Mas então eu me conectei com camaradas sofrendo do sistema Baronial na Itália e em outros lugares do sul da Europa e se eles quisessem estudar, deveriam deixar a universidade, ao menos estrategicamente. Isso me abriu um outro questionamento, que foi, quando você deixa a universidade para estudar, em que medida se tem que continuar a reconhecer que não se está deixando o lugar do estudo e a fazendo um novo lugar, mas entrando todo um outro mudo onde o estudo já está acontecendo para além da universidade? Eu senti que devia ter um meio de ser capaz de ver esse mundo, de percebê-lo, e de entrar nisso, juntar-me ao estudo que já estava acontecendo de maneiras informais diferentes, maneiras desformando e informando. Quando eu falo de uma prática especulativa, algo que aprendi da artista performer *Valentina Desideri*, estou falando de andar por meio do estudo e não apenas de estudar andando com

outras pessoas. Uma prática especulativa é, para mim, estudo em movimento, andar com outrem e trocar ideias, mas também o que se come, um velho filme, um cachorro que passa, um novo amor, é também falar entremeio a algo, interromper o outros tipos de estudo que possam estar acontecendo, ou tenham apenas entrado em pausa, que atravessamos, que até podemos ser convidadas à se juntar, esse estudo atravessando corpos, atravessando o espaço, atravessando coisas, esse estudo como uma prática especulativa, quando a prática situada da sala de seminário ou do espaço ocupado se move para fora ao encontro do estudo em geral.

Fred: É engraçada, essa ubiquidade de fazer políticas, a constante transformação de trabalhadores acadêmicos em delegados nos aparatos do poder policial. E eles são como justiceiros, capitães do mato, todo mundo está em patrulha, tentando capturar aquelas que escaparam – especialmente a si mesmas, tentando capturar sua própria fugitividade. Isso é de fato o primeiro lugar para onde as políticas são dirigidas. Acho que uma boa parte disso tem simplesmente a ver com, vamos dizer, uma certa redução da vida intelectual – reduzir o estudo à crítica e, ao mesmo tempo, uma verdadeira redução, verdadeiramente horrível, da crítica ao desmerecimento, que opera sob a presunção geral de que a miséria acadêmica naturalizada ama a companhia em seu isolamento, como um certo tipo de alienação comunal distorcida na qual as pessoas estão amarradas não por sangue ou por uma língua comum mas pelo sentimento ruim pelo qual competem. E então, o que acaba acontecendo é que se acaba tendo um monte de gente que, como Stefano estava sugerindo, gastar um montão de tempo pensando sobre coisas que não querem fazer, pensando em coisas que não querem ser, ao invés de começar, e de agir, pelo que querem.

Eu fico muito aborrecido com um certo tipo de discurso em torno desse tipo de narcisismo esquisito – essa moeda de dois lados do narcisismo do trabalho acadêmico –, no qual, em um lado da moeda, você naturaliza a sua miséria e no outro lado, você adere à noção de seu absoluto privilégio. Então, de um lado, você acorda todo dia sendo miserável e dizendo, ‘esse é o jeito que as coisas são’. E, do outro lado, você acorda todo dia dizendo, ‘veja o quão privilegiado eu sou por estar aqui. E veja todas as pessoas pobres que não têm o privilégio de estarem aqui’. Um dos deletérios efeitos negativos desse tipo particular de narcisismo é de que este não reconhece as maneiras pelas quais uma das coisas bacanas da universidade (não estou dizendo que este seja o único lugar onde isso acontece, mas é um lugar onde isso acontece) é que todo dia você vai para sua sala de aula, você tem a possibilidade de não chamar a atenção da classe e ver o que acontece. E o maldito presidente da universidade não vai bater à sua porta dizendo, ‘como assim você não chamou a atenção da classe?’.

Stephen: Concordo com isso. Outra coisa que quero perguntar a vocês é, ao longo dos últimos anos, tem havido um renascimento ou proliferação de projetos de tipos alternativos de educação, coisas como da Edu-Factory às escolas livres e todo tipo de universidades livres. O que marcou a todos estes foi, tipo, quando se deixa a instituição, por que as pessoas querem, de todo jeito, pensar o que estão fazendo em termos da instituição? O limite do conceito de coletividade é uma outra instituição.

Stefano: Sim, eu mesmo tenho me debatido com isso, como tenho feito elaborações nessa proposta para a School for Study, que temos pensado fazer na França. Nas três primeiras vezes que o fiz, eu estava colocando todo tipo de merda que não deveria estar ali – isso era um tipo de recapitulação da universidade de modos que não deveriam acontecer ali. Foi somente a última versão, somente depois que Denise deu uma olhada e disse, ‘por que tem toda essa outra coisa aqui? O que vocês estão realmente interessados é estudo, então por que não deixar que seja somente um fórum para estudo? E foi aí que o nome mudou, e foi aí que começamos a tocar no que queríamos tentar fazer com isso. É totalmente sobre isso, quando se pensa estar deixando a universidade, você não está. Você está carregando toda a merda consigo.

Mas também, Matteo Mandarini, nos deu essa frase bem interessante. Tronti tem essa frase onde ele diz, ‘Eu trabalho dentro e contra a instituição’. Então, o projeto Queen Mary foi isso, um projeto dentro e contra a instituição. Mas também foi elaborado em coisas do Precarious Ring e em outros lugares como sendo algo que poderia ser também conhecido como co-pesquisa, algo como ‘de dentro e para’. Nisso, o dentro e contra é atravessado por um tipo de com e para. Quando se move adiante e fora para uma disposição autônoma, onde se consegue um pouco de espaço livre e tempo livre um pouco mais facilmente, então, o que se deve atentar é à mudança, para mim, do dentro e contra – aquilo com o que, quando se está profundamente na instituição, se perde muito tempo –, e o com e para. E isso muda muito a porra toda. Todas essas coisas estão sempre em jogo. Quando digo ‘com e para’, quero dizer estudar com as pessoas, mais do que ensiná-las, e quando digo

‘para’, quero dizer estudar com pessoas a serviço de um projeto que, nesse caso, poderíamos simplesmente dizer, é mais estudo. Assim, esse com e para, a razão pela qual nos movemos para situações mais autônomas é porque crescemos e passamos menos tempo com os antagonismos do dentro e contra.

Algumas pessoas adoram a produtividade do antagonismo. Pessoalmente, não digo que não seja produtivo, mas quanto mais me aproximo do com e do para, mais eu fico feliz. Mas isso é um desafio, de lembrar disso e de fazer isso, e aprender a fazê-lo, se você passa muito tempo no dentro e contra, como nós o fizemos. Eu somente estou dizendo isso para dizer que se eu vejo a migração do projeto coletivo Queen Mary do dentro e contra em direção ao com e para que está disponível para nós ao tornar-nos esse tipo de School for Study de que estamos falando agora, temos que estudar como fazer isso. Nós não necessariamente sabemos como fazer isso e ainda estamos tentando figurar como fazer isso, porque estivemos demais dentro. Não é que se deixe para sempre o dentro e contra – não estou nem aí para o quanto você ocupa. Obviamente, há uma mudança no que se torna possível e onde você pode colocar a sua atenção em circunstâncias diferentes.

Stephen: Talvez seja por isso que o trabalho que ambos vocês fizeram de analisar o trabalho acadêmico a partir de uma dada posição seja necessário para uma partida, então quando você parte, você não carrega algumas das coisas com você.

Stephano: Bem, pessoalmente, e comecei a manhã dizendo isso, e sigo acreditando que seja assim horas depois; eu tive que atravessar a merda do trabalho acadêmico, especialmente com Fred, de modo a me libertar de um milhão de maneiras diferentes, incluindo chegado mais à coisa autônoma. Eu somente percebo agora que isso teve um efeito completo, que eu posso pensar livre de toda essa merda que estava em mim por meio do processo de trabalho no qual eu estava, e permaneço, nele imerso. A primeira coisa que fiz todo dia quando eu fui à universidade foi fazer a mim mesmo e a universidade não é atualmente o melhor lugar para fazer a si.

Fred: Eu também concordo com isso. Estávamos falando sobre como isso havia sido uma maneira para nós de entender quem éramos e o que estava acontecendo onde estávamos – e de considerar mais inteiramente a necessidade de entender o que são nossas condições próprias. Então, digamos que em certas maneiras, as coisas do trabalho acadêmico eram tentativas de localizar e de localização, de mapear algum tipo de terreno no qual se estava dentro. E acho que as coisas posteriores estão mais interessadas em tentar conseguir um tipo de deslocamento e um tipo de dispersão – e, portanto, que reivindica uma certa mobilidade. Eu concordo com Stefano, bem eu não sei se tínhamos que fazer isso, mas é por onde começamos. Poderíamos ter começado de outra maneira.

Stefano: Sim, de certo modo, subcomuns é um tipo de quebra, entre localizar a nós mesmos e deslocar a nós mesmos. O que é tão duradouro para nós no conceito de subcomuns é o que este continua fazendo quando é encontrado em novas circunstâncias. Pessoas sempre

dizem, ‘bem, onde diabos está isso’. Mesmo se você faz essa coisa Marxista inteligente como, ‘ah, não é um lugar, é uma relação’, as pessoas ficam como que, ‘sim, mas onde está a relação’. Tem um efeito contínuo enquanto deslocamento e sempre faz as pessoas se sentirem um tanto desconfortáveis sobre o comum. Para mim, foi como que o primeiro container sobre o qual saltamos.

Fred: É, é um deslocamento. Como o nosso velho amigo Bubba Lopez diria, estamos começando a *riding the blinds*¹.

1 Nota de revisão: No original, “riding the blinds” é uma expressão que se refere à prática de andar entre os vagões de um trem de carga em movimento, escondendo-se do campo de visão da tripulação do trem ou dos guardas e policiais que ficam nas estações. No caso de um trem de passageiros, o termo também se refere ao movimento de andar escondido entre os vagões. No Brasil, essa prática pode se referir a “dar calote”, isto é, burlar a bilheteria e usufruir do transporte sem pagar a passagem, o que poderia também nos remeter à prática do surfe ferroviário.

Uma edição Elemental e Matéria Crítica Apoio Kunsthochschule für Medien Köln
Tradução Arnílcar Packer Revisão Heliário M. S. Zeferino, Victor Galdino
e Vinícius da Silva Design Diego Crux



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este caderno foi produzido pelo programa
"Matéria Crítica para Massa Crítica", para CASA-ESCOLA,
projeto pedagógico da Casa do Povo, em 2023.

